

**Centro de Estudos
Bahianos**

JOSÉ CALASANS

JUAREZ TÁVORA
NA BAHIA

**PUBLICAÇÃO
SALVADOR - BAHIA**

30 DE OUTUBRO DE 1969

62

Pare Gilolo Azeide,
com especial estima,
of.
Calasans.

14.12.69.

JUAREZ TAVORA NA BAHIA

José Calasans

1. A Tarde (Bahia), em sua edição de 10 de abril de 1930, noticiava, rotineiramente: «Seguiram para o norte, pelo avião Blumenau, os seguintes passageiros: mons. Costa Rêgo, Olavo Silveira e Vítor do Espírito Santo.» Um leitor bem informado devia conhecer dois dos três passageiros do hidro-avião do Sindicato Condor, uma das primeiras companhias de transporte aéreo do nosso País — o mons. Costa Rêgo e o jornalista Vítor do Espírito Santo. O primeiro, natural de Alagoas, irmão do ex-governador daquele Estado, jornalista Costa Rêgo, chamava-se Rosalvo Costa Rêgo e era da arquidiocese do Rio de Janeiro, onde, posteriormente, foi bispo auxiliar. Destinava-se a Maceió. O segundo, jovem profissional de imprensa, trabalhava n'O Jornal, de Assis Chateaubriand. Chegara à Bahia, na véspera, passageiro do avião *Olinda*. Parece que ia fazer cobertura jornalística na Paraíba, então boa «notícia de gazeta» em face da luta travada no município de Princeza, onde o coronel José Pereira empunhava armas contra o govêrno estadual exercido pelo presidente João Pessoa, um dos candidatos da chapa de oposição ao Catete, no prélio presidencial que movimentava o País. O terceiro homem, porém, era o mais importante dos três e aquela sua viagem iria ter extraordinária significação nos destinos nacionais. O nome Olavo da Silveira, também Olavo Silva, encobria a verdadeira identificação daquele cidadão alto, muito interessado em não ser reconhecido. O Sr. Olavo da Silveira outro não era senão o capitão Juarez do Nascimento Fernandes Távora, conhecido revolucionário de 22 e 24, participante da coluna Prestes, recentemente evadido de uma fortaleza do Rio de Janeiro, que tentava alcançar, o mais rapidamente possível, o estado de Pernambuco, onde estava sendo ansiosamente aguardado, para preparar o movimento de rebeldia do norte. O destemido soldado cearense marchava para viver o mais notável momento de sua vida. Sua passagem pela capital baiana merece, portanto, um registro particular e julgamos possuir bons elementos — fiel reconstituição histórica. Vejamos.

2. Recuemos alguns meses. Na capital federal, em certo dia de janeiro, o coronel Mauricio Cardoso, designado para comandar o 22 B. C., aquartelado na Paraíba, convidara alguns oficiais do 1.º R. I., sediado na Vila Militar, para seguirem em sua compa-

O Centro de Estudos Bahianos agradece ao Govêrno da Bahia, através da sua Secretaria de Educação e Cultura, o auxílio concedido ao seu setor de publicações.

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral, Prof. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto N.º 9 — Bahia.

nhia. Entre os escolhidos figuravam três jovens tenentes que vinham trabalhando com bom êxito na instrução da tropa, empregando novos métodos, o que lhes granjeara apreciável conceito nos escalões superiores. Os primeiros tenentes Juracy Montenegro de Magalhães, Jurandir Bizarria Mamede e Agildo Barata Ribeiro, os três nomes em aprêço, estavam, desde algum tempo, envolvidos na conspiração militar que objetivara derrubar o presidente Washington Luís. Obedeciam ao capitão Távora, mestre consumado na arte conspiratória, que fôra poucos dias antes apanhado pela polícia carioca e recolhido à fortaleza de Santa Cruz. O tenente Juracy Magalhães, o primeiro a ser consultado pelo recém-designado comandante do 22 B.C., pediu prazo para resposta, aconselhando Agildo Barata a proceder do mesmo modo. (Fôra Juracy quem trouxera Agildo para a conspirata). O tenente cearense sabia porque retardava a decisão. Precisava ouvir o chefe. Consultado pessoalmente por Juracy, o capitão Juarez Távora disse sim aos seus tenentes. O convite do coronel Maurício Cardoso ia ao encontro dos interesses revolucionários. O capitão Luís Carlos Prestes, chefe militar do projetado movimento, escrevera ao prisioneiro da fortaleza mostrando-lhe a necessidade e urgência de sua fuga para o norte, a fim de articular a revolução na mencionada área. Tudo favorável, portanto. A presença dos moços conspiradores iria fortalecer o plano revolucionário. Assim sendo, em fevereiro, com destino a Paraíba, o coronel Maurício Cardoso trouxe em sua companhia os militares que iam chefiar a revolta do seu batalhão, na madrugada de 4 de outubro de 1930. Viajaram todos no paquete «Rui Barbosa», do Loid Brasileiro e a partir da cidade de Vitória, no Espírito Santo, começaram a estabelecer ligações e reforçar contatos, segundo escreveu Agildo Barata no seu livro de memórias, intitulado Vida de um revolucionário. O tenente Wolmar Carneiro da Cunha, da guarnição federal capixaba, teria sido o primeiro a ser envolvido nas malhas conspiratórias. Ainda a bordo, antes do «Rui Barbosa» chegar à Bahia, inicialmente sondados pelo tenente Jurandir Mamede, hipotecaram sua adesão dois aspirantes que vinham para o 19 B.C., Humberto Sousa Melo e João Costa. O mesmo tenente Jurandir Mamede, durante as horas em que seu navio esteve no pôrto de Salvador, entrou em contato com o tenente Joaquim Ribeiro Monteiro, seu amigo pessoal e do tenente Juracy. Monteirinho, como era conhecido entre seus camaradas de farda, sempre manifestara simpatia pela causa revolucionária, com a qual ficaria, a partir daquele instante, inteiramente solidário. Um outro tenente da VI Região Militar, Geminiano Hanequim Dantas, veio logo depois participar do pequeno grupo dos conspiradores da Bahia, por sinal todos nascidos em Sergipe... Monteiro fôra cientificado da projetada fuga de Juarez Távora para vir comandar os nortistas. Ficou esperando o desenrolar dos acontecimentos e as informações e ordens

que deveriam vir por intermédio do acadêmico de Medicina Eduardo Bizarria Mamede, irmão de Jurandir, que trabalhava na Casa de Saúde N. S. das Graças, para onde seria encaminhada a correspondência conspiratória.

3. Juarez Távora fugiu, de modo espetacular, na noite de 28 de fevereiro, juntamente com Estilac Leal e Alçides Teixeira de Araújo, num pequeno barco com motor de pôpa, tripulado por Ari Parreiras, Seroa da Mota e Godofredo Tinoco, a quem se deve a descrição da fuga. O futuro chefe da revolução no norte feriu-se ao tomar a embarcação, tendo chegado à lamacenta praia de Niterói com o queixo e os pés sangrando. Sem condições de seguir para o pôsto de comando, ficou alguns dias em tratamento no interior fluminense, a princípio em casa do engenheiro Oscar Viana e posteriormente, na residência do dr. Carlos Nascentes Tinoco, médico em Miracema. Monteirinho e seus companheiros souberam da fuga, sem, contudo, qualquer notícia dos seus pormenores. Nada transpirou durante o mês de março, nem nos primeiros dias de abril. Que estaria sucedendo?

4. De repente, uma inquietadora revelação, Juarez Távora estaria em Salvador. A informação vinha da própria Polícia e foi oficialmente transmitida ao comandante da VI Região Militar, Cel. Ataliba Osório, por intermédio do tenente Joaquim Ribeiro Monteiro, pelo chefe de polícia da Bahia, dr. Bernardino Madureira de Pinho. Relataremos, baseado nas declarações fidedignas do então tenente Monteiro. O chefe de polícia, num dia de abril, comunicou ao comandante da Região que carecia, com urgência, colocá-lo ao par de fato grave, pedindo-lhe enviasse à Secretaria de Polícia pessoa de confiança. Ribeiro Monteiro foi o escolhido. Disse-lhe, então, Madureira de Pinho, estar a Polícia informada da presença de Juarez Távora na cidade, escondido em casa do tenente Hanequim Dantas. Tratando-se de um oficial do Exército, não queria o responsável pela segurança pública do Estado adotar qualquer providência sem avisar, previamente, ao comando da VI Região. O emissário do coronel Ataliba Osório ficou desapontado. Não tinha conhecimento de nada. Prometendo transmitir o que ouvira ao seu comandante, saiu a procura do tenente Hanequim Dantas, que lhe assegurou ser infundada qualquer participação sua no caso. Nenhuma notícia tivera da presença de Juarez Távora na velha capital. Tranquilizado pelas declarações ouvidas, Ribeiro Monteiro relatou ao coronel Ataliba Osório a conversa mantida com Madureira de Pinho. Foram remetidos telegramas, em código, para o comando do 20 B.C., em Alagoas, alertando-o a propósito de uma possível passagem do perigoso fugitivo pelo Estado. Os despachos enviados, propositadamente redigidos pelo tenente Ribeiro Monteiro, não ficaram claros. Maceió solicitou esclarecimentos. O militar conspirador, em benefício da causa, procurava ganhar tempo,

visando facilitar a viagem do capitão Távora, se porventura êle estivesse atravessando a zona vigiada. Por seu turno, as investigações policiais não foram muito além, nada apurando o dispositivo policial do dr. Madureira de Pinho.

5. Em verdade, porém, o capitão Juarez Távora passara pela Bahia, exatamente na época suspeitada pela Polícia. Dois documentos, transcritos em anexo, confirmam nossa afirmação, permitindo-nos reconstituir o roteiro do ilustre soldado em terras baianas. Após o tratamento a que se submeteu, tomou o rumo de Pernambuco. Viajou por terra. Em Pirapora, Minas Gerais, embarcou no vapor «Antônio Muniz», da Viação do S. Francisco, com destino a Juazeiro, Bahia, no dia 20 de março. Apresentava-se como o dr. Olavo Silva, engenheiro. No segundo dia de viagem, um viajante da firma Magalhães & Cia., de Belo Horizonte, procurou, reservadamente, o comandante da embarcação, João de Deus da Rocha Alves, apelidado Pombinho, para avisá-lo de que o verdadeiro nome do dr. Olavo Silva era Juarez Távora. O comandante não perdeu tempo. Foi ao camarote do dr. Olavo e disse-lhe: «Doutor, o senhor já foi reconhecido a bordo dêsse vapor. V.S. é o capitão Juarez Távora». Sem demonstrar a mínima perturbação, Juarez respondeu: «É uma verdade, mas espero do seu patriotismo não passar a outrem o sigilo de que é depositário.» Pombinho, emocionado, conforme declarou depois à imprensa, deu-lhe a palavra de honra de que manteria o segredo, quaisquer que fôsem as consequências. E cumpriu a palavra empenhada. A 3 de abril, após 14 dias de viagem, o «Antônio Muniz» atracou em Juazeiro. O capitão revolucionário transportou-se para a cidade fronteira de Petrolina, em Pernambuco, envidando esforços, sem êxito, no intuito de rumar para seu lugar de chefia. Os grandes aguaceiros caídos naqueles dias tornaram impossível sua tentativa de ir num Ford alugado até Recife. Retornando a Juazeiro, esperou algum tempo para tomar o trem com destino a Salvador. As chuvas haviam também estragado a via férrea, determinando a suspensão do tráfego, o que retardou o prosseguimento da viagem, feita juntamente com um sr. Jacob, de nacionalidade alemã, representante dos tecidos «Luendgren», em Pernambuco, que julgamos desconhecia a verdadeira identidade do companheiro. Em Salvador, ficaram hospedados no Hotel Sul-Americano, situado no começo da Avenida Sete de Setembro, onde está atualmente o edifício da Sul-América Capitalização. O alemão queria mostrar a cidade ao dr. Olavo Silva. Levou-o até Amaralina. Constrangido, querendo alcançar Recife com brevidade, Juarez tratou de deixar o sr. Jacob, pretextando negócio urgente. Possivelmente passou na primeira capital brasileira apenas uma noite, a de 9 de abril, uma vez que viajou a 10 para Maceió, com descida em Aracaju, num avião do Sindicato Condor, tendo como companheiros, segundo vimos no início destas notas, o mons. Costa Rêgo

e o jornalista Vitor do Espírito Santo. Ao sair da capital sergipana, o aparelho sofreu *pane*, regressando ao pôrto, onde se demorou 4 longas horas, para reparos. Rumou, então, até Maceió, daí viajando de trem para Recife, sendo recebido e acolhido pelos irmãos Lima Cavalcanti. Transferiu-se, logo a seguir, para a Paraíba, iniciando sua missão histórica de aglutinar elementos militares para a revolução de outubro.

6. Dois documentos, dissemos, elucidam a passagem de Juarez Távora pela Bahia, em abril de 1930. Ambos vão aqui na íntegra. O primeiro é uma entrevista do comandante João de Deus da Rocha Alves concedida ao Jornal (Bahia), e publicada na edição de 29 de novembro de 1930. O segundo, a carta que nos escreveu o marechal Juarez Távora, a 26 de maio de 1968. Os textos das duas valiosas contribuições, os livros de Hélio Silva (1930 — A revolução traída) e Agildo Barata (A vida de um revolucionário) e os depoimentos obtidos pessoalmente dos generais Juracy Magalhães, Ribeiro Monteiro e João Costa e do saudoso médico Eduardo Bizarria Mamede constituem as fontes de que nos valem para a elaboração do presente trabalho, com o qual pretendemos trazer uma pequena contribuição à história da maior das nossas revoluções, a de 1930.

UM INTERESSANTE EPISÓDIO DA VIDA DO GRANDE JUAREZ TÁVORA

Deu-nos a honra e prazer de sua visita a esta redação o Comandante João de Deus da Rocha Alves, atual Inspetor Geral do Tráfego da Viação do S. Francisco.

Sabendo, por informes fidedignos, que S. S. quando comandante do vapor «Antônio Muniz», teve a honra de conduzir, a bordo do mesmo — o grande Juarez Távora, de Pirapora a Juazeiro em março dêste ano, no momento em que o herói preparava o plano de Revolução no norte, pedimos-lhe uma entrevista a respeito.

A princípio, quis o honrado sertanejo furtar-se a isso, mas teve afinal que ceder às nossas solicitações.

— A 20 de março dêste ano, disse-nos êle de comêço, recebi em Pirapora, como passageiro — Doutor Olavo Silva, cujo destino era Juazeiro.

Na ligeira palestra que tive logo com aquêlo môço, senti algo de extraordinário em mim mesmo.

As suas maneiras delicadas, a sua palestra simples e insinuante me despertaram de repente as mais profundas simpatias por aquela personalidade com quem me defrontava pela primeira vez.

No segundo dia de viagem, quando nos aproximávamos da Vila mineira de S. Romão, um viajante da firma Magalhães & Cia., de Belo-Horizonte, chamou-me reservadamente e disse-me: «Comandante, tenha cuidado com o passageiro — Dr. Olavo Silva, porque o seu verdadeiro nome é Juarez Távora».

— Já conhecia eu através da leitura dos jornais o ilustre oficial de nosso exército, cujas façanhas lendárias tanto entusiasmo me haviam despertado.

Procurei-o imediatamente no seu camarote e lhe dirigias seguintes palavras: «Doutor, o Senhor já foi reconhecido a bordo dêsse Vapor. V.S. é o Capitão Juarez Távora».

O grande herói fitou-me e sem demonstrar a mínima perturbação respondeu: «É uma verdade, mas espero do seu patriotismo não passar a outrem o sigilo de que ora é depositário.

Não pude conter a emoção que se apoderou de mim no momento e imediatamente lhe garanti, sob palavra de honra, guardar aquêlo segrêdo, embora me viesse a custar qualquer sacrifício.

Gastamos naquela viagem 14 dias, chegando ao pôrto de Juazeiro a 3 de abril.

Durante aquêlo tempo, palestramos sempre, na maior intimidade, tendo eu a oportunidade de apreciar de perto a grandeza d'alma do intemerato libertador do norte.

Ao atracarmos em Juazeiro, Juarez Távora transportou-se para a Cidade fronteira de Petrolina, onde permaneceu 3 dias.

Chuvas copiosas haviam caído naquele tempo, impedindo-o de viajar, de automóvel, para o Ceará conforme pretendia.

Retornou então a Juazeiro onde estêve 6 dias, partindo a 11 de abril, (x) num dos trens da Leste Brasileiro em demanda desta Capital

Daí, até 24 do mês passado, não tive mais notícias do grande Juarez.

Depois da queda de Juazeiro ocorrida naquele dia, passei-lhe um telegrama de felicitações, obtendo logo a honrosa resposta.

Desde êste dia que vimos mantendo correspondência epistolar e telegráfica.

Foi pois nas mãos dêste honesto e criterioso sertanejo que a sorte da Revolução estêve durante 14 dias, segundo afirmara o ilustre Coronel Jurandir Mamede.

(x) Engano de data.

O Jornal (Bahia) — 29.11.1930

Rio, 26 de Maio de 1968

Prezado patricio e amigo,

Professor José Calasans,

Estou a acusar o recebimento do exemplar n. 1 da Revista — «Pôrto de Todos os Santos» — aberto com o histórico da «Revolução de 1930, na Bahia», de sua autoria.

Li-o, com interêsse; e espero poder receber a continuação, ou conclusão dêsse histórico no próximo número da Revista.

Da leitura que fiz do mesmo, apenas cabe retificar as referências feitas, nas páginas 10 e 14, sôbre a notícia de minha passagem por Salvador. Informo que *essa notícia era fundada. Passei por Salvador, em minha acidentada viagem de Campos, Estado do Rio, para Recife, Pernambuco.* Embora haja viajado pelo rio S. Francisco, entre Pirapora e Juazeiro, não pude, como tencionava, posseguir viagem pelo interior de Pernambuco. Após tentativa infrutífera, num «Ford» alugado em Petrolina, tive de voltar a esta cidade, devido à impossibilidade de cruzar vários rios transbordantes pelos grandes aguaceiros caídos na região. Passei então, para Juazeiro, a fim de viajar de trem para Salvador. Mas aí mesmo, tive de esperar vários dias pela reconstrução de longo trecho da via férrea que havia sido danificado pelos temporais. Concluída essa reconstrução, viajei para Salvador em companhia do mesmo senhor Jacob (representante dos tecidos «Luendgren», de Pernambuco) que tentara, comigo, antes, a viagem de «Ford», entre Petrolina e Arcoverde. E o pior é que êsse alemão, chegando a Salvador, me conduziu ao Hotel «Sul América»; e, em seguida, constrangiu-me a dar um passeio de automóvel, pela cidade, indo até Amaralina.

Tratei de largá-lo o mais cedo possível, tendo, no dia seguinte, sob o pretexto de negócio urgente, embarcado em avião do Sindicato Condor, para Maceió, onde tomaria o trem para Recife. Não é hora de contar os tormentos dessa viagem. Apenas direi que éramos apenas 3 passageiros: um redator de «O Jornal»; um irmão do Governador de Alagoas; e eu... E que o avião sofreu uma pane, ao sair de Aracaju, regressando ao pôrto, onde se demorou 4 longas horas, para reparos!

Agradecendo-lhe, mais uma vez, sua valiosa colaboração para a reconstituição histórica da preparação e da execução da Revolução de 1930, no Norte — Subscrevo-me cordialmente, patricio admirador.

(as.) Juarez Távora

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

2.ª Série

- 45 — LULU PAROLA E OS ACONTECIMENTOS DE 1891 — JOSÉ CALASANS — *Esgotado*
- 46 — BAHIA, 1842 — AFFONSO RUY
- 47 — UM MANUSCRITO RARO (Holandeses na Bahia em 1638). — LUIZ MONTEIRO DA COSTA.
- 48 — TRADIÇÕES COMERCIAIS DA BAHIA NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX — DEOLINDO AMORIM — *Esgotado*
- 49 — A BAHIA NO LIVRO DO SARGENTO-MOR — Livro que dá Razão ao Brasil — 1612) — DIOGO DE CAMPOS MORENO (Anotado pelo Prof. HÉLIO VIANA)
- 50 — D. RAIMUNDA PORCINA DE JESUS (A Chapadista). ANFRISIA SANTIAGO
- 51 — UM DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA — ALOÍSIO DE CARVALHO FILHO
- 52 — A RELAÇÃO DA BAHIA — (Contribuição para a História Judiciária da Bahia) — AFFONSO RUY
- 53 — CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ARTES BRASILEIRAS (Quatro Artistas Baianos) — ANTÔNIO ALVES COELHO
- 54 — COELHO NETTO, NA BAHIA — ALOÍSIO DE CARVALHO FILHO
- 55 — XISTO BAHIA — Símbolo do Teatro baiano — (Uma tentativa biográfica) — AFFONSO RUY
- 56 — NOTÍCIAS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO — JOSÉ CALAZANS
- 57 — CAMARAJIPE E LAGOA ABAITÉ — FREDERICO EDELWEISS
- 58 — BIBLIOGRAFIA DE E SÔBRE XAVIER MARQUES — DAVID SALES
- 59 — ACHEGAS CRONOLÓGICAS PARA A HISTÓRIA DO FAROL NO FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA — FREDERICO G. EDELWEISS
- 60 — O VISCONDE DO RIO BRANCO — PAULO PEDREIRA DE CERQUEIRA
- 61 — CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ARTES BRASILEIRAS (Quatro Artistas Baianos) — ANTÔNIO ALVES COELHO — II